

O FOLHETIM

PUBLICAÇÃO DIARIA DE ROMANCES

DIRIGIDA POR VISCONTI COARACY E SANTOS CARDOSO

ASSIGNA-SE na Rua do Hospicio 85	Preço da assignatura por mez	Para a Corte 1\$000 Para as Províncias... 1\$500	AS ASSIGNATURAS começam no 1.º de cada mez
--	------------------------------	---	--

A DESFORRA DE UM DEFUNTO

XXX

(Continuação.)

Gontran empallideceu.

— Que mysterio é esse, disse elle, e com que fim...?

— Oh! não procure agora a razão de taes infamias, atalhou Didier. Conheço os nossos inimigos, e vou ter com elles. Mas é preciso que o senhor, que é moço, ardente, e que ama, faça por seu lado alguma cousa. Vá procurar Sacco-de-Gêssso... Esse rapaz tem por muito tempo posto a sua intelligencia e a sua actividade ao serviço das más paixões; offerece-se-lhe agora este ensejo de resgatar o seu passado. Vá procural-o e, morta ou viva, descubram em que logar está Francina.

— Morta ou viva! repetiu Gontran.

— Os homens que a raptaram são capazes de todos os crimes.

— E o senhor não me dirá quem elles são?

— Um é o conde des Aiglades, o outro é Polichinello, e foram esses dous homens, Gontran, que assassinaram o Sr. de Kerdrel, seu pai.

Assim fallando, Didier tomára a mão de Gontran.

— As provas desse crime, continuou elle, estão comigo, e são essas provas que os miseraveis querem exigir de mim em troca da vida de Francina. Ora, ouça-me bem, meu amigo: a luta está travada entre mim e esses homens; é uma luta terrível, encarniçada, implacavel! E' possível que eu succumba, é possível que eu seja ferido antes de chegada a hora solemne da reparação e da vingança. Nesse caso, é ao senhor que confio o cuidado de continuar a minha obra, e jure-me que cumprirá até ao fim a missão de que o incumba.

— Ah! juro-o, respondeu Gontran, pelo amor que consagro a Francina e pela minha vida!

— Bem! Agora, separemo-nos.

— Aonde vai o senhor?

— Vou á casa do conde des Aiglades.

Um quarto de hora depois, chegava Didier á rua da Paz.

Eram apenas onze horas.

Na ante-sala, Didier encontrou Lorin, seu antigo criado, que estava então ao serviço de seu inimigo.

— O conde? perguntou Didier em tom brusco.

— Não sei se está em casa... respondeu Lorin um tanto confuso.

— Tenho a certeza de que está... entrega-lhe o meu cartão e annuncia-me, a menos que prefiras que eu me apresente sem ser anunciado.

Lorin deu-se pressa em ir ter com o conde.

— Que quer? perguntou este ultimo em ton indolente quando Lorin appareceu.

— Está ahi uma pessoa que deseja fallar ao Sr. conde, respondeu o criado.

— Quem é essa pessoa?

— Aqui está o seu cartão.

O conde, apenas leu o nome de Didier, poz-se a sorri-se.

— Ah! ah! disse; esperava por isso. Mande-o entrar. Mas pode acontecer que eu necessite de você; ao primeiro chamado, não deixe de acudir.

Lorin sahiu, e voltou logo depois acompanhado de Didier.

XXXI

Logo que Didier se achou em presença do conde, a colera que conseguira dominar até então despertou, ameaçadora e terrível, e elle se precipitou para o seu adversario.

— Minha filha!... Quero que me restitua minha filha!... exclamou com voz terrível.

O conde não esperava tão brusco ataque, mas serenou quasi logo.

— Ignoro, respondeu elle, quem foi que lhe disse em que mãos estava Francina; não entra, porém nos meus planos occultar-lhe a sorte della, e, ao contrario, estou disposto a entender-me com o senhor a esse respeito.

— Que proposta quer então fazer-me?

— O senhor já deve suspeitar qual seja.

— Tenho em meu poder armas importantes...

— Sei.

— Essas cartas... cartas accusadoras, que narram

o seu crime e proclaimam a minha innocencia... serão daqui a uma hora entregues por mim á justiça.

— Espero que o senhor não faça semelhante cousa.

— Porque?

— Porque, se o fizer, hoje mesmo á noite Francina terá deixado de viver.

Didier pela segunda vez precipitou-se para o conde, que se conservava impassivel.

— Para que tanta violencia? disse este em tom quasi sardonico. Conservar-nos-hemos firmes, pois que nos achamos resolvidos, e se, dentro de vinte e quatro horas, o senhor não houver tomado uma decisão, só a si poderá accusar de tudo quanto acontecer.

— Antes disso tel-o-hei morto! exclamou Didier fóra de si.

O conde des Aiglades encolheu os hombros.

— O caso está previsto, replicou elle com a maior calma; e a minha morte não faria senão precipitar o desenlace que o senhor receia!

Didier apertou a cabeça nas mãos, com um gesto de louco desespero.

— Descobrirei o retiro de Francina! disse afinal.

— Não o creio.

— Levarei á policia o conhecimento desse rapto.

— A policia é habil, mais a morte é mais rápida do que a policia.

E, como Didier, ouvindo estas palavras, se conservasse calado:

— Creia-me, continuou o conde, não tente uma cousa impossivel; todas as probabilidades são contra o senhor... No interesse de Francina mais do que no seu, eu lhe aconselho a que não agrave os perigos que a rodeiam.

— Que quer dizer? perguntou Didier erguendo a cabeça.

— Quero dizer que não sou o unico que tem grave interesse neste negocio.

— Quem mais então?

— Julieta d'Orvado.

— A que proposito?

— Julieta possue todos os ardores do sangue que lhe corre nas veias... e ama... a Gontran...

— Mas Gontran não a ama.

— Pensa Julieta que, uma vez morta Francina... o coração de Gontran...

— Ah! o senhor calunnia-a!

O conde se havia levantado.

— Disse-lhe tudo... tudo quanto tinha que lhe dizer, respondeu elle. Faça agora o que o seu interesse lhe aconselhar; mas repito-lhe: apresse-se!

Didier sahio da casa do conde, com o espirito mais atormentado e inquieto do que quando havia entrado.

Comprehendia que existia para Francina um perigo serio, imminente.

E desejava esquecer-se de si mesmo para só se lembrar de sua filha.

Entregar, porém, aquellas cartas que eram a

sua rehabilitação, deixar-se desarmar antes mesmo de haver combatido!

Tinha elle dado apenas alguns passos na rua, quando encontrou Gontran em companhia de Sacco-de-Gesso.

Procuravam-n' o.

Em poucas palavras, contou-lhes Didier o que se havia passado entre elle e o conde.

— Metteram-me entre as duas pontas de um dilema! disse elle; agora não ha senão uma sahida.

— Cumpre salvar Francina! exclamou Gontran.

— Oh! sem duvida! e estou resolvido a fazel-o... máo grado meu, porém, uma suprema hesitação se levanta em meu coração e me perturba o espirito.

— Prefirirá deixar Francina em poder desses miseraveis?

— Tem razão! disse Didier; seria um crime, e não quero demorar mais; venham... venham!...

E iam voltar á casa do conde des Aiglades, quando Sacco-de-Gesso os deteve.

— O que é? perguntou Didier.

— Levaria muito tempo a explicar, respondeu o rapaz, e não temos um minuto que perder. Occorre-me uma idéa, e creio que é boa. Em caminho lhes direi a cousa.

— Aonde vamos nós?

— A' casa do pai Trapeira.

— Tu o conheces?

— Sei que elle possue certos instintosinhos de sociedade que nos podem ser uteis na occasião...

— Mas é que elle mora na rua Soly, e ha perigo em ir para aquelles lados.

— Qual! replicou o rapaz; o pai Trapeira exerce um commercio que o obriga a ter diversos domicilios... e quando não está na rua Soly, é que se-acha algures.

— Mas, emfim, que serviço nos pôde elle prestar?

— Venham sempre; o pai Trapeira é dedicadissimo a Francina, e por ella... não tenho a menor duvida em como fará tudo quanto fôr possivel.

Ora, enquanto Didier acompanha Sacco-de-Gesso, retrogrademos um momento e digamos ao leitor o que era feito de Francina.

— A pobre mocinha não escutára senão a voz de seu coração... e descêra com Polichinello, sem conceber a menor suspeita.

Um carro estava esperando á porta; entrou nelle.

O trajecto foi curto; durou um quarto de hora, pouco mais ou menos, e quando o carro parou, Polichinello apeiou-se e offereceu-lhe a mão.

— Já chegámos? perguntou Francina, commovida á idéa de que ia tornar a ver seu pai.

— E' aqui, respondeu Polichinello.

Penetraram na casa, subiram a escada e chegaram ao quinto andar, a um corredor escuro, para o qual se abriam duas ou tres portas.

Comquanto tudo isto fôsse pouco tranquillizador talvez, não sentiu Francina, no entanto, o menor susto.

Comprehendia que todas aquellas precauções deviam garantir a segurança de seu pai...

Assim, quando Polichinello abriu uma das portas e convidou-a a entrar, foi sem a menor desconfiança

que ella o acompanhou e que ouviu fechar de novo a porta com duas voltas.

— Onde está meu pai?.. perguntou ella vivamente.

Polichinello soltou uma gargalhada.

— Ah! quanto a isso, respondeu elle, não é a mim que o deve perguntar, pois que eu não poderia responder-lhe.

— E a carta que o senhor me entregou?

— Era um pretexto.

— O senhor queria então atrair-me para aqui?

— E a senhora aqui está.

— Mas com que intuito?

Polichinello piscou o olho.

— Poderia responder-lhe com evasivas, disse elle; mas nós não estamos aqui para nos divertirmos... Demais, a senhora não se ha de dár mal... Não se amofine, e amanhã pela manhã virei saber noticias suas.

Tendo assim respondido, Polichinello sahiu, trançou a porta por fóra e afastou-se.

Francina ouviu-lhe o passo pesado e sonoro desendo o escada, e depois tudo tornou a cahir em silencio.

Uma hora se passou deste modo.

Francina estava exausta de fadiga e emoção; não podia, porém, resolver-se a entregar-se ao sono.

De repente, ouviu por cima um ruido singular.

Dir-se-hia que uma obstinada mão procurava abrir a trapeira.

Ergueu ella os olhos para aquelle lado, e poz-se a tremer toda.

No caixilho da trapeira, uma cara de homem olhava para ella.

Francina ficou pregada no logar em que estava, gelada de susto.

XXXII

Ao ouvir o grito mal abafado que Francina soltou, o homem levou um dedo aos labios.

— Não tenha medo, disse ao mesmo tempo; eu não lhe quero fazer mal nenhum.

— Quem é o senhor?

— Eu lhe direi... Não disperte, porém, a atenção de ninguem, e não terá occasião de arrepender-se.

Francina estava mais morta do que viva; no entanto teve forças para conter-se e obedecer á recomendação que lhe era feita.

Além disso, parecia-lhe então que já tinha visto aquelle homem em qualquer parte; em que logar, porém? não se lembrava.

O mysterioso individuo não se conservára inactivo.

A trapeira, ao contrario das das outras aguas-furtadas, era-larga bastante, e atravez do seu caixilho de zinco podia passar facilmente o corpo de um homem.

Em menos de dous minutos, o individuo passou do telhado para o interior da agua-furtada.

Só então foi que Francina o reconheceu.

Era Louvet, o agente de policia.

— Está vendo, disse elle com ar satisfeito, que nos achamos em paiz conhecido... Não tenha, portanto, o menor receio... e conversemos como velhos camaradas.

Francina não cahia em si de semelhante surpresa; o seu susto se acalmára, mas fôra substituido por viva curiosidade.

— Mas que designio é o seu? perguntou ella; e como é que o senhor soube...?

— Oh! não ha muita finura nisto... Desde o dia em que o barão de Lorsay escorregou-se-me por entre os dedos, andava eu na pista, e ao mesmo tempo que mandava guardar á vista o palacete dos Campos-Elysios, alguns dos meus homens, por ordem minha, montavaõ guarda na rua de la Harpe...

— E dahi?

— E dahi dizia eu commigo que o barão mais tarde ou mais cedo se havia de trahir, e viria rondar em torno da sua morada...

— E depois?

— Esta noite, estava eu proprio na tasca que fica em frente, quando vi Polichinello chegar.

— Ah!

— Chamou-me isso a attenção, observei, e momentos depois vi a senhora descer e entrar em um carro com elle. Desde então, não havia mais duvida, acreditei que elle a trazia para onde estava o barão, e segui o carro.

— Mas enganou-se!

Louvet fez um signal afirmativo.

— Enganei-me, sim, respondeu elle. Unicamente, não perdi o meu tempo, pois que eis-me na pista de um novo attentado... Vamos, a senhora nenhum interesse tem em occultar a verdade, e vai, não é verdade? vai responder francamente a todas as perguntas que eu lhe fizer.

— Que deseja o senhor saber? perguntou Francina.

— Em primeiro logar... não é com o seu assentimento que a senhora está aqui, não é exacto?

— Vim supondo encontrar meu pai nesta agua-furtada.

— Ignora então onde elle está?

— Sem duvida.

— Suspeita, ao menos, qual o fim para que a raparam?

— Não.

— Não recebeu em deposito certas cartas que poderiam comprometter o conde des Aiglades e a condessa d'Orvado?

— Nunca soube o que continham essas cartas, mas tive-as em meu poder.

— Pois não as tem mais?

— Não, desde esta manhã.

— A quem as entregou?

— A Sacco-de-Gêsso.

Louvet reflectiu durante um momento. O negocio se esclarecia; elle adivinhava uma parte da verdade... e começava a comprehender o jogo do conde e de Polichinello.

— O pai tem as cartas, é negocio liquido... murmurou, como se fallasse consigo mesmo; e, para estar preparado, o conde apoderou-se de um refém: é a filha; que diabo, porém, pôde haver nessas cartas?

Enquanto Louvet reflectia desse modo, Francina o observava.

Por varias vezes deu mostras de querer fallar-lhe, mas a palavra estacava-lhe nos labios e ella não ousava começar.

Afinal fez um esforço e aproximou-se, toda corada, do seu interlocutor.

— O interesse que o senhor mostra pela minha situação, disse-lhe, me anima a lhe pedir um obsequio.

— A mim!... E qual é esse obsequio? perguntou o velho Louvet.

— Ha duas pessoas que vão ficar bem inquietas com o meu desapparecimento.

— Seu pai, em primeiro lugar.

— Sim, meu pai.... mas a esse não pôde o senhor fallar.

— E' justo... Quem é o outro?

— O outro é um moço; chama-se Gontran.

— E a senhora deseja tranquillizar-o...

E Louvet sorriu-se.

— Não digo que não, minha filha, e se poderá fazer o que pede... respondeu elle lentamente. Ha aqui um mysterio que me cumpre esclarecer, e está nos meus planos que mais ninguem, além de mim, conheça a sua presença nesta casa.

— Mas então...

— Fie-se na minha prudencia. Amanhã, virei vél-a á mesma hora e pelo mesmo caminho... Daqui, porém, até lá, o conde deve ignorar que vim aqui... Promette-me não lhe dizer?

— Ah! pela minha vida prometto.

— Bom... e no mais, adous!... A noite vai bastante adiantada já... Tenho apenas tempo para me retirar antes que amanheça.

O velho Louvet tomou então, para voltar, o mesmo caminho por onde tinha vindo... E momentos depois Francina estava sózinha.

Com quanto não conhecesse Louvet senão por temê-lo, a certeza de ser protegida por elle contra os miseraveis que a tinham raptado era suficiente para restituir alguma tranquillidade ao seu espirito.

Sentou-se acabrunhada em uma cadeira, e, embora quizesse reagir contra o sonno, acabou por adormecer.

Quando acordou, já era dia claro.

Levantou-se e aproximou-se da trapeira, á qual apenas podia chegar alcançando-se na pontinha dos pés.

Francina conservou-se alli cerca de uma hora, a pensar e a respirar.

Depois, tendo ouvido um passo parar á entrada da agua-furtada, recolheu-se e viu aparecer Polichinello.

— Ah! ah! disse este ultimo em tom de bom humor, creio que passou uma excellente noite e que não tivemos máos sonhos!...

Francina sentou-se, sem responder.

— Bom!... estamos enfadada esta manhã!...

continuou Polichinello. Pois não tem razão, visto que procuro por todos os modos ser amavel para com a senhora... Vamos! quer que conversemos?...

E ia sentar-se, quando o seu olhar volveu-se machinalmente para a trapeira, e elle pôz-se a estremecer.

— Oh! oh! exclamou. Isto agora é que é singular!

— O que? perguntou Francina, que tivera tempo de serenar-se.

— Dir-se-hia, palavra de honra! que alguem entrou por alli!

Francina soltou uma risada ironica.

— Começo a crêr, Sr. Polichinello, respondeu ella, que a importancia de suas funcções de carceireiro lhe transtornam o juizo. Pensa que o barão de Lorsay tenha vindo visitar-me?

— Porque não?... começou Polichinello.

Não acabou, porém; a porta abriu-se e o Dr. Roberto entrára.

XXXIII

O Dr. Roberto levou rapidamente o dedo aos labios, para recommendar prudencia á Francina, e aproximou-se de Polichinello, que continuava a observar os estragos que notára no caixilho da trapeira.

— Que é? perguntou o medico.

— E... respondeu Polichinello, que alguem passou por esta trapeira, ou eu não me chamo Polichinello. Ora, veja, doutor!

O doutor aproximou-se mais, e, tendo deitado um rapido olhar para a trapeira, encolheu os hombros.

— O senhor está sonhando! disse.

— Estou sonhando! murmurou Polichinello; isso é facil de dizer. Mas lembre-se do que nos ordenou a Sra. Julieta.

— Lembro-me perfeitamente. Quer que tudo esteja acabado esta noite!...

— Esta noite... não digo que não; primeiramente, porém, é mister que eu saiba quem é o sujeito que se atreveu a penetrar em minha casa sem permissão.

E, tendo dito estas palavras, retirou-se com o medico.

O resto do dia se passou sem mais incidente.

Francina estava dessasocegadissima; Louvet tinha dito que voltaria, e o seu olhar cravava-se obstinadamente na trapeira, onde esperava que a todo o momento elle aparecesse.

De repente, houve um certo movimento em cima do telhado.

Francina sentiu o coração bater-lhe, e o seu olhar incendeu-se.

Não esperou ella muito tempo.

Logo depois, com effeito, a trapeira abriu-se e uma cara se mostrou.

Era Louvet.

— Pôde-se entrar? perguntou elle em tom jovial. Francina tinha-se levantado.

— Entre! entre! respondeu, indo ao encontro do agente de policia.

— Tenho muita cousa que lhe contar, disse este.

Transpôz então a trapeira e deixou-se cahir no meio do aposento.

Nesse momento, porém, ouviu-se a detonacão de um tiro... Louvet soltou um grito, como se houvesse recebido uma bala no peito, e cahiu pesadamente no chão.

(Continua no proximo numero.)